

FOLKCOMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO MÉDICA¹

Do Atendimento Ambulatorial à Comunicação Midiática: Um Relato de Experiência em Uma Instituição de Ensino Superior de Referência no Nordeste do Brasil

Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos²

Larissa Vieira Custódio Neves³

Maria Eduarda Cabral da Costa Aragão⁴

Maria Eduarda Souza Malheiros Feliciano⁵

RESUMO:

Este relato de experiência discute a relevância da folkcomunicação em saúde na formação médica, contextualizando a integração de práticas comunicacionais desde o atendimento ambulatorial à comunicação midiática. O problema da pesquisa aborda a dificuldade comunicacional entre médicos e comunidades. Objetiva-se analisar as estratégias de comunicação popular e propor contribuições para um diálogo assertivo na formação médica. A metodologia adotou o formato de relato de experiência vivenciado no curso de Medicina, fundamentado em autores de referência nesse campo. Os resultados indicam maior engajamento do usuário quando há a incorporação de saberes populares à relação médico-paciente.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde pública; folkcomunicação; humanização; relação médico e paciente.

INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como objetivo destacar a importância da compreensão da folkcomunicação e como seus instrumentos podem contribuir para aprimorar a

¹ Trabalho apresentado para o GT – 1 Diálogos e Fundamentos Teóricos da Folkcomunicação, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade Pernambucana de Saúde, Faculdade Senac-PE. Doutor em Comunicação com graduação em jornalismo, além de formação em Psicanálise. Contato: dr.pedropauloprocopio@gmail.com.

³ Faculdade Pernambucana de Saúde. Graduanda em Medicina. Contato: larissavcn1@hotmail.com

⁴ Faculdade Pernambucana de Saúde. Graduanda em Medicina. Contato: eduardacabra199@hotmail.com

⁵ Faculdade Pernambucana de Saúde. Graduanda em Medicina. Contato: dudamalheirosf@gmail.com

comunicação entre profissionais de saúde e diferentes perfis de pacientes, em diversos contextos de atenção à saúde, desde o atendimento ambulatorial até a comunicação midiática.

Para começar, é importante entender o que é a folkcomunicação. Trata-se de uma teoria formulada por Luiz Beltrão, um pernambucano pioneiro nos estudos em comunicação social com ênfase nas expressões da cultura popular no Brasil. Essa teoria reconhece que a comunicação não se limita aos meios tradicionais de comunicação de massa, mas também envolve as trocas culturais e as expressões populares presentes nas comunidades. Exemplos disso incluem rodas de conversa, grupos comunitários e o uso de mídias locais, que facilitam a compreensão e o compartilhamento de saberes, mesmo entre pessoas sem formação técnica específica.

A relevância da folkcomunicação na área da saúde é grande, pois ela reforça a importância de incluir os meios e agentes populares como canais de troca de informações e saberes. Isso é fundamental para uma comunicação mais efetiva, especialmente considerando que, por muito tempo, a formação em saúde no Brasil foi centrada em um modelo biomédico, focado na doença, nos saberes técnicos e científicos, muitas vezes negligenciando o diálogo com o paciente e seus saberes culturais. Atualmente, percebe-se que uma comunicação mais humanizada e culturalmente sensível pode melhorar significativamente a relação médico-paciente, promovendo maior compreensão e confiança.

Este relato de experiência foi realizado por meio de uma observação participante, uma metodologia que permite ao pesquisador acompanhar de perto as interações e dinâmicas de comunicação em contextos reais de atenção à saúde. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada de como a folkcomunicação pode ser aplicada na prática, contribuindo para uma comunicação mais empática, inclusiva e ética.

A importância desse trabalho reside em evidenciar que a incorporação da folkcomunicação na formação e na prática médica pode promover uma abordagem mais humanizada, valorizando os saberes culturais dos pacientes e fortalecendo o vínculo entre eles e os profissionais de saúde. Assim, essa pesquisa reforça a necessidade de ampliar o repertório dos profissionais, para que atuem de forma mais sensível às particularidades culturais e sociais de cada indivíduo, promovendo o bem-estar integral, conforme

preconizado pela Organização Mundial da Saúde, que define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social.

Em suma, ao inserir a folkcomunicação no cotidiano da atenção à saúde, seja no atendimento clínico ou na comunicação midiática, contribuímos para uma formação médica mais comprometida com a realidade sociocultural dos pacientes, fortalecendo a comunicação como um eixo fundamental do cuidado, da cidadania e do ensino. Dessa forma, promovemos uma prática mais humanizada, empática e ética, essenciais para o cuidado integral e a promoção da saúde.

METODOLOGIA:

Este artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo, de abordagem etnográfica, desenvolvido a partir de um relato de experiência vivenciado por docentes e estudantes de um curso de Medicina em uma instituição de ensino superior de referência no Nordeste do Brasil. A pesquisa insere-se no campo da Folkcomunicação em Saúde, analisando práticas comunicacionais em contextos ambulatoriais e midiáticos, à luz da interlocução entre cultura popular e processos formativos no ensino médico.

A metodologia fundamentou-se em observação participante, realizada pelos próprios autores — docentes e discentes — ao longo de atividades acadêmicas que integraram atendimentos ambulatoriais, oficinas de comunicação, produções midiáticas e momentos reflexivos em sala de aula. A participação ativa dos pesquisadores no cotidiano das ações, enquanto sujeitos do processo, permitiu uma análise aprofundada das práticas comunicacionais adotadas e das suas ressignificações no contexto formativo.

A construção analítica do estudo dialoga diretamente com os referenciais teóricos da Folkcomunicação, especialmente os aportes de Beltrão (1980), Amphilo (2011) e Santos (2024), permitindo compreender como elementos da cultura popular permeiam e transformam as práticas comunicacionais em saúde. Adicionalmente, foram incorporadas as contribuições de Botelho e Ferreira (2011), no que concerne às interfaces entre folk media e social media, e o Modelo Calgary-Cambridge (Dohms; Tesser; Grossemann, 2013), utilizado como referência para práticas comunicativas no âmbito da atenção básica.

A análise seguiu uma abordagem interpretativa, fundamentada na triangulação entre as experiências vividas, os registros reflexivos (diários de campo e relatórios) e as discussões teóricas, buscando evidenciar as potencialidades da folkcomunicação como estratégia formativa e comunicacional na formação médica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A Folkcomunicação é uma disciplina científica brasileira que estuda a comunicação que acontece entre os públicos marginalizados (rurais e urbanos) e os meios de comunicação de massa, utilizando-se de agentes e meios direta ou indiretamente ligados à cultura popular. Essa teoria foi desenvolvida pelo professor Luiz Beltrão em 1967, visando a necessidade de entender como as mensagens da mídia tradicional (rádio, TV, jornais) eram recebidas e processadas por populações que não tinham acesso ou se identificavam plenamente com os veículos de comunicação hegemônicos. A partir dessa ideia, Amphilo (2011) afirma que é indiscutível a necessidade de incluir a aplicabilidade dessa metodologia em algumas áreas do cotidiano dos indivíduos, como por exemplo na atuação da prática médica, uma vez que os profissionais se deparam com diversas crenças, saberes e linguagens dos pacientes e necessitam de um diálogo compreensível para transmitir informações.

Para uma boa escuta ativa, é preciso que o profissional médico se dedique a ouvir, entender e buscar ajudar o paciente da melhor forma possível por intermédio da transmissão de informações. A folkcomunicação, dessa maneira, atua como fator intermediador dessa relação à medida que propõe um desenvolvimento do diálogo, uma integração social e a fluidez bidirecional de informações desde o espaço ambulatorial até à comunicação midiática.

Para Santos (2024), a introdução dessa prática entre médico e paciente resulta no rompimento de barreiras comunicacionais, sendo capaz de projetar uma melhora na consciência em saúde do indivíduo e da sociedade. A partir disso, a melhoria da qualidade das informações de saúde transmitidas à população, seja durante o contato direto entre o profissional e o usuário, ou por meio de canais que utilizam do poder da imprensa socialmente engajada, são evidenciadas e responsáveis para uma melhora na busca de

prevenção de doença, tratamentos de doenças e entendimento da condição de saúde no âmbito bio-psico-social-espiritual.

Ainda para o referido autor, embora a formação médica no Brasil seja um processo longo e bastante desafiador, a internalização da folkcomunicação é fundamental para preparar profissionais completos para atender diversas necessidades de saúde da população. Por muito tempo a medicina foi uma ciência centrada na doença e que amenizava a influência de fatores sociais, psicológicos. Hoje é possível evidenciar uma evolução dessa percepção para uma olhar holístico dos pacientes e uma abordagem mais humanizada pautada em princípios éticos e que busca formar médicos capazes de atuar com um olhar crítico e reflexivo sobre os que buscam o bem-estar.

A Folkcomunicação entra como elemento terapêutico no acolhimento em saúde, especialmente para pacientes vulneráveis sob uma perspectiva socioeconômica. Tal importante cuidado na formação é evidenciado na Faculdade Pernambucana de Saúde em Recife- PE, a qual possui uma disciplina de laboratório nos dois primeiros anos de curso para fomentar uma educação e formação comunicacional que vise um acolhimento integral que gere confiança e compreensão, uma vez que isso é fator crucial para adesão de tratamentos e entendimentos do processo saúde-doença.

Nas aulas do laboratório de comunicação, os estudantes não apenas aprofundam o conhecimento teórico sobre os protocolos médicos de comunicação, como também participam de simulações práticas de atendimentos clínicos e de interações midiáticas. Nessas atividades, são desafiados a aplicar tais protocolos em diferentes contextos sociais e culturais, desenvolvendo habilidades comunicacionais mais sensíveis às realidades populares. Na visão de Santos (2024), a utilização da linguagem folkcomunicação, nesse processo, permite que a abordagem médica seja mais acessível, empática e alinhada às formas de expressão dos diversos públicos atendidos.

Ainda na perspectiva de Santos (2024), a inserção da folkcomunicação nesse laboratório de comunicação proporciona aos estudantes uma compreensão mais ampla e humanizada dos processos comunicacionais em saúde e faz com que ele possa atuar desde seus estágios com estratégias de educação em saúde mais eficazes, sendo mais humanizado, inclusivo e sensível. Sendo assim, o estudante que é treinado desde sua formação para estabelecer uma comunicação mais próxima e respeitosa consegue se

formar e ingressar na prática médica com bem mais empatia e respeito, fazendo diferença na vida de seus pacientes.

Na instituição ora abordada, o método Calgary-Cambridge, criado em 1960, é utilizado como ferramenta para que os alunos identifiquem a importância e apliquem os conhecimentos na sua formação. Tal protocolo prevê cinco passos que servem para construção de uma relação interpessoal entre médico-paciente com o objetivo de facilitar a adesão ao tratamento graças à relação empática que é criada desde o início do atendimento.

Conforme Dohms, Tesser e Grosseman (2013), o primeiro passo é direcionado a conhecer o paciente, se direcionando a ele pelo nome, com contato visual e, o mais importante, dando-o espaço de fala. Esse momento da consulta é de extrema relevância para que os próximos passos sejam dados com efetividade e eficácia, visto que estabelecendo-se uma boa relação desde o início do atendimento espera-se que o paciente e o profissional consigam manter boa comunicação. É relevante destacar que desde a anamnese, passando pelo exame físico até a finalização do atendimento deve-se ter em mente o nível de compreensão do paciente, repassando as informações de modo eficaz. Ainda na visão dos estudiosos, o modelo de Calgary-Cambridge propõe uma estrutura sistematizada para a entrevista médica, que auxilia o profissional de saúde a estabelecer uma comunicação clara e eficaz com o paciente. Esse modelo divide a consulta em etapas específicas — do início da interação, passando pela coleta de informações, explicações e planejamento do tratamento, até o encerramento da consulta — permitindo que o médico conduza a entrevista de maneira empática e centrada nas necessidades do paciente, o que contribui para um melhor diagnóstico e adesão ao tratamento.

Com base em estudiosos como Santos (2024), além de Dohms, Tesser e Grosseman (2013), pode-se afirmar que é por meio de uma interseção entre o Protocolo Calgary-Cambridge e a folkcomunicação que surge um cruzamento entre técnica e cultura no campo da comunicação em saúde. Enquanto o protocolo oferece uma estrutura sistematizada para a condução de entrevistas clínicas, promovendo escuta ativa, empatia e clareza na relação médico-paciente, a folkcomunicação introduz elementos populares e informais de comunicação – como saberes tradicionais, expressões culturais e narrativas locais. Ao possuir o domínio dessas duas abordagens, o profissional de saúde amplia sua capacidade de interpretar não apenas o quadro clínico do paciente, mas também os

significados subjetivos atribuídos à doença e ao cuidado. Essa intersecção favorece a construção de vínculos mais sólidos, especialmente em comunidades marcadas por desigualdades.

Outro ponto importante é a relação da folkcomunicação e a comunicação midiática que se estabelece como uma ponte entre o saber tradicional e os fluxos comunicacionais contemporâneos, que incluem desde TV, rádio até plataformas digitais. Essa ferramenta se torna inclusiva e culturalmente acessível através da incorporação de linguagens acessíveis, músicas, narrativas orais, símbolos e crenças o que potencializa o alcance da mensagem que o profissional de saúde quer passar para aquele recorte populacional sobretudo em realidades de baixa escolarização ou de difícil acesso a informação formal. Com base em Botelho e Ferreira (2011), cabe destacar que nem sempre a melhor maneira de passar conhecimento em saúde é por meio de uma linguagem técnica, o que devemos garantir é que a informação chegue de forma clara, acessível àquela população incluindo seus limites de compreensão.

Sendo assim, ainda com base nesse pesquisador, é importante uso de campanhas de saúde que em vez de usar termos como “profilaxia pós contato para tuberculose” utilize em rádios e redes sociais “se você teve perto de alguém com tuberculose procure um posto de saúde para tomar remédio que ajuda a não pegar essa doença. Apenas a mudança na forma de passar a informação já aproxima o paciente e o faz entender a importância do cuidado. Outros exemplos podem ser o uso de cordel e rimas populares que circulam em radionovelas de maneira lúdica, além da ação dos influenciadores populares para repassar conhecimento utilizando expressões e referências culturais locais, que fazem ter mais chances de engajar o público do que campanhas institucionais muito formais. Esses exemplos mostram como a importância da folkcomunicação vai além da consulta médica e ultrapassa os limites do consultório, transformando até mesmo a comunicação midiática em uma ferramenta mais inclusiva, eficaz e sensível à realidade sociocultural da população.

Em essência, a Folkcomunicação entra como um campo de estudo fundamental para compreender como a comunicação se manifesta em contextos diversos contextos da saúde Brasil, valorizando as vozes e as formas de expressão dos grupos populares e mantém a interação de informações, cuidado, escuta e entendimento entre usuários do sistema de saúde e profissionais de medicina.

Portanto, conclui-se que uma formação médica que alinha mais elementos na sua construção e na prática tem como possíveis resultados profissionais da área ainda mais sensíveis e capacitados de realizar sua profissão, tornando-se vetores da comunicação em saúde para diferentes populações à medida que busca se aproximar da fala de pessoas que possuem pouco conhecimento e garante o direito da saúde a todas elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este estudo evidencia o potencial da folkcomunicação como ferramenta estratégica na formação médica, ao articular saberes populares e práticas comunicacionais no atendimento em saúde e na produção midiática educativa. A experiência relatada demonstra que integrar elementos da cultura popular aos processos formativos favorece o desenvolvimento de habilidades comunicativas mais empáticas e culturalmente sensíveis.

Os resultados preliminares indicam que a participação ativa de estudantes e docentes nas práticas de observação participante contribui para uma reflexão crítica sobre os modelos tradicionais de comunicação em saúde, destacando a importância de abordagens que reconheçam a diversidade cultural dos pacientes e suas formas de expressão.

Por se tratar de um campo em expansão, este trabalho apresenta reflexões iniciais e apontamentos metodológicos. A conclusão definitiva do artigo contemplará análises aprofundadas dos dados coletados, buscando sistematizar as contribuições da folkcomunicação no contexto da formação médica e propor caminhos concretos para sua aplicação no ensino e na prática assistencial.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18818>. Acesso em: 21 set. 2025. p. 1-22.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOTELHO, Daira Renata Martins; FERREIRA, Silvia Regina. Do Folk Media ao Social Media – diálogos entre Cultura Popular e Cibercultura na sociedade em rede. **Revista Extraprensa**, São

Paulo, v. 5, n. 1, p. 21–30, 2011. Disponível em <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77241>. Acesso em 21 set. 2025.

DOHMS, Marcela; TESSER, Charles; GROSSEMAN, Suely. Potencialidades no ensino-aprendizagem da comunicação médico-paciente em três escolas brasileira, espanhola e holandesa. **Revista Brasileira de Educação Médica** v. 37, n. 3. set. 2013, p. 311-319. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbem/a/vCCJQGc9DbmcPhRvqChvSBh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 set. 2025.

SANTOS, Pedro Paulo Procópio de Oliveira. Folkcomunicação em Saúde: perspectivas e reflexões sobre um novo campo teórico. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 22, n. 48, p. 13–28, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/23506>. Acesso em: 21 set. 2025.